

## A IDENTIDADE DA IGREJA LATINO-AMERICANA DE MEDELLÍN A SANTO DOMINGO

*Pe. Beni dos Santos*

1. Na história da evangelização da América Latina, Medellín constitui um dos eventos eclesiais mais significativos. Representa um compromisso novo com relação à evangelização. Expressa a vitalidade das comunidades eclesiais: suas experiências iniciais e as que amadureceram no decorrer de quinhentos anos de evangelização. Basta recordar que a Teologia da Libertação, cuja vertente se encontra em Medellín, e a Igreja dos Pobres estiveram em processo de gestação durante todo esse período. Estiveram em processo de gestação também no testemunho profético de tantos evangelizadores, no movimento de resistência de indígenas e escravos negros, pois o Espírito está na origem de toda vocação à liberdade. A formação da própria Igreja é preparada por Ele no seio dos povos, de suas instituições e culturas, pois a Igreja historicamente não surge do nada.

Medellín é ainda um evento eclesial significativo porque constitui o início de nova era, novo tempo eclesial, espécie de reinício da Igreja na América Latina. É o resultado do esforço que a Igreja Latino-americana realizou para aplicar os ensinamentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Trata-se de uma aplicação original e dialética. A assembléia não simplesmente transpõe para a América Latina os ensinamentos do Vaticano II. Ela os contextualiza. Procura ler esses ensinamentos a partir do universo sócio-político, econômico, religioso e cultural. Procura chegar, em grau superior, a uma nova síntese. O próprio interlocutor principal da Igreja, em Medellín, não é o homem da modernidade, como no Vaticano II, mas o pobre enquanto produto social. Trata-se de classes sociais, categoria de sexo, raças, povos inteiros oprimidos. No Vaticano II,

aparece o tema da pobreza, mas, em Medellín, ele emerge com mais radicalidade, de tal modo a compor, com outros elementos, a identidade eclesial Latino-Americana. Medellín assume o compromisso com uma forma de Igreja pobre, que faz do anúncio da Boa Nova fermento de transformação não só dos indivíduos, mas também da ordem social reinante, marcada por situações gravíssimas de pecado e opressão. Daí a perspectiva libertadora dos seus ensinamentos.

Além de aplicação original do Vaticano II, Medellín constitui também reflexo ativo de encíclicas importantes como a "Mater et Magistra" e a "Pacem in Terris" de João XXIII e a "Populorum Progressio" de Paulo VI. Foi à luz desta última encíclica que a assembléia realizou o diagnóstico sócio-político da situação Latino-americana e inseriu, no texto do documento final, o conceito de violência institucionalizada.

Em Medellín, sobretudo, torna-se explícito uma nova imagem da Igreja, enquanto conceituação viva de nova experiência eclesial: a **Igreja dos Pobres**. Esta imagem é formada pelo entrelaçamento de outras imagens. Por exemplo, a imagem de Igreja-comunhão, que se articula em diversos níveis: comunhão entre Igrejas, entre clero e

fiéis leigos, pastoral de conjunto etc. Trata-se do exercício da colegialidade em sentido amplo. A imagem de uma Igreja servidora de todos e, de modo preferencial, dos pobres: os golpeados pelo subdesenvolvimento e marginalidade, vítimas das diversas formas de injustiça. Imagem de uma Igreja libertadora. Esta imagem emerge da interpelação provinda dos clamores dos oprimidos: "Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes advém de parte nenhuma".<sup>1</sup> A fé descobre, neste clamor, "a presença do Espírito que conduz a história dos homens e dos povos para a sua vocação".<sup>2</sup> A experiência de libertação possui um sentido, pascal: "Assim como Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando da libertação do Egito, da passagem pelo Mar Vermelho e conquista da Terra Prometida, assim também nós, o novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir o seu passo que salva quando se dá o "verdadeiro desenvolvimento", que é, para todos e cada um, a passagem de condições menos humanas à condições mais humanas".<sup>3</sup>

A libertação implica a superação das estruturas injustas, o surgimento de um homem novo e, por isso mesmo, a conversão.<sup>4</sup> O

documento não pretende insinuar uma ordem cronológica: primeiro, mudar as pessoas e, depois, as estruturas. Supõe uma ação simultânea sobre as pessoas e as estruturas, uma vez que as estruturas condicionam as pessoas e constituem sério obstáculo à conversão individual.

A relação Igreja-mundo adquire pois, no Documento de Medellín, um sentido profundo e radical. Para além do diálogo da Igreja com o mundo moderno, que foi a perspectiva do Vaticano II, ele avança pelo caminho do diálogo da Igreja com o mundo dos pobres, no sentido de assumi-lo, de tornar-se presença solidária. Desta presença solidária, surge a concepção de uma **evangelização integral**, não só voltada para o interior da Igreja, mas também para a sociedade. Evangelização que integra, no anúncio da salvação, o compromisso com a justiça, a promoção humana, a defesa dos direitos humanos e o respeito pelo "outro". Portanto, em Medellín, a missão da Igreja não é só definida de modo geral, mas também a partir do contexto sócio-político, da conflitividade, da opção pelos pobres.

Nos anos decorridos entre Medellín e Santo Domingo, passando por Puebla, surgiram fatos novos em nível econômico, político e religioso. Alguns destes fatos fo-

ram apenas vislumbrados pelo Documento de Medellín. De 1968 para cá, a situação de pobreza não diminuiu na América Latina mas, ao contrário, se acentuou. A riqueza encontra-se cada vez mais concentrada nas mãos de poucos. O sistema econômico continua a basear-se no lucro e na exploração. A assembléia de Santo Domingo o reconhece: "O crescente empobrecimento em que estão mergulhados milhões de irmãos nossos até chegar a intoleráveis extremos de miséria é o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina. Assim o denunciávamos tanto em Medellín como em Puebla e hoje tornamos a fazê-lo com preocupação e angústia. As estatísticas mostram que na última década as situações de pobreza tanto em números absolutos quanto em números relativos".<sup>5</sup>

Em alguns países, sobretudo na década de setenta, acentuou-se a tensão entre Igreja e Estado pelo fato da Igreja haver se tornado solidária com os pobres.

Em nível eclesial, diversos fenômenos surgiram: crise de algumas organizações como a Ação Católica, movimentos carismáticos com seus aspectos positivos mas que, algumas vezes, trazem problemas para o campo da pastoral; a proliferação das seitas, sobretudo de origem norte-americana, que

1. Documento de Medellín, **Pobreza**, nº 2.

2. **Ibid.**, **Introdução às Conclusões**, nº 4.

3. **Ibid.**, nº 6.

4. **Ibid.**, **Justiça**, nº 3.

5. **Doc. de Santo Domingo**, nº 179.

fazem frente à evangelização e pastoral libertadora de diversas Igrejas. Como reconhece o documento de Santo Domingo, as seitas aumentaram extraordinariamente desde Puebla até aos nossos dias.

Positivamente, em âmbito eclesial, pode ser mencionado o florescimento de ministérios leigos. Cresce também, neste período, o interesse pela pastoral popular, implicando esforço de maior conhecimento da cultura do povo e valorização de suas expressões religiosas. As CEBs, que estavam ainda em formação por ocasião da assembléia de Medellín, encontram sua identidade dentro da Igreja, desenvolvem e se expandem, adquirindo relevância sob o ponto de vista eclesial, pastoral, teológico e, até mesmo, institucional.

Concomitantemente à experiência das CEBs, houve o desenvolvimento do pensamento teológico latino-americano, denominada Teologia da Libertação, que repercutiu no todo da teologia, na Igreja Católica e em outras Igrejas. A Teologia da Libertação continua influenciando, de modo relevante, na espiritualidade e na prática pastoral da Igreja na América Latina.

Neste período ainda, não podemos nos esquecer do desenvolvimento negro e indígena, com repercussão na sociedade e na Igreja, os diversos movimentos feministas, cujas aspirações chegam ao interior da Igreja. Merece menção, ainda neste período, o surgimento de

grande número de teólogas e a incipiente teologia feminista, cuja influência se faz sentir inclusive em nível acadêmico.

É necessário também mencionar as conseqüências, para a Igreja que caminha no espírito de Medellín, do movimento néo-conservador de diversas Igrejas cristãs, que, às vezes, desempenha um papel ideológico com relação a sistemas sociais injustos. Temos ainda, ao lado do desenvolvimento da colegialidade, um processo forte de centralização, que alguns julgam contrário ao espírito do Vaticano II. Este processo de centralização atinge conferências episcopais, dioceses, faculdades de teologia, seminários etc.

Em resumo, no caminho percorrido entre Medellín e Santo Domingo, passando por Puebla, emerge na Igreja Latino-americana, a consciência da própria identidade. Trata-se de uma conquista. Em diversos aspectos de sua vida (espiritualidade, práticas pastorais, reflexão teológica, organização etc), ela deixa de ser apenas um reflexo, uma sombra, de Igrejas européias. A conquista desta identidade se realizou dialeticamente, isto é, enfrentando um processo de conflitividade, com momentos dolorosos que incluem o martírio. A identidade conquistada constitui uma novidade. Ela contém elementos diversos, que hoje são os traços do rosto da Igreja Latino-americana. Podemos citar, a título de exemplo, a experiência das CEBs, a

corrente teológica denominada Teologia da Libertação, a emergência da mulher como componente relevante da missão e da vocação do leigo, o desenvolvimento da pastoral popular, a evangelização da cultura, a denúncia profética da injustiça social.

2. Alguns viram na Assembléia de Santo Domingo o perigo ou a tentativa de enfraquecer a identidade da Igreja Latino-americana. Vejamos, de fato, se isto aconteceu. Tomo, como ponto de referência de minha análise, apenas o resultado da Assembléia expresso no texto final, antes mesmo de sua aprovação definitiva pela Santa Sé. Portanto, trata-se de um resultado parcial, pois Santo Domingo, como Medellín e Puebla, são eventos eclesiais complexos, que ultrapassam os limites de uma Assembléia de bispos e o texto final por ela produzido. Como evento eclesial complexo, Santo Domingo inclui todos os discursos, estudos, reflexões e celebrações, que se realizaram antes da Assembléia e que continuam se realizando após o seu término. Inclui também aquilo que representará no imaginário do povo cristão da América Latina.

Começamos a análise pela questão das CEBs, que constitui o nível mais representativo da Igreja dos Pobres. Elas são um fato eclesial relevante sob o ponto de vista teológico, institucional e pastoral. Esta experiência de organização da vida eclesial mais de acordo com nos-

as necessidades sociais, culturais e pastorais, foi reconhecida por Medellín e Puebla. A vivência eclesial das CEBs está baseada no princípio de reciprocidade entre homem e mulher. Realizam um modelo de evangelização mais inculturada no mundo dos pobres, voltada não só para o interior da Igreja, mas também para o campo da organização da sociedade de modo mais simétrico.

A experiência eclesial das CEBs esteve presente em Santo Domingo não apenas como elemento de análise da caminhada da Igreja na América Latina, mas como uma experiência eclesial valorizada pela Assembléia. As referências às CEBs porém não podem ser deslocadas do contexto eclesiológico do Documento. Este concebe a Igreja na perspectiva da **eclesiologia de comunhão**: "comunhão de comunidades", cuja identidade se define a partir do seu "mistério", isto é, do seu núcleo fundamental: a presença do Ressuscitado e do seu Espírito. Trata-se de uma comunidade para a missão e para a salvação do mundo.

Nesta perspectiva, a comunidade eclesial de base é definida como "célula viva da paróquia". Esta, concebida não como mera instituição administrativa, mas como comunhão orgânica e missionária. As CEBs são verdadeiras Igrejas, isto é, comunidades de fé, culto e amor, animadas por leigos em comunhão com o pároco e o

bispo. Sobretudo, são comunidades missionárias. O Documento insiste na preparação de líderes e animadores leigos para as CEBs.

Portanto, embora a fisionomia das CEBs não esteja descrita de modo completo, creio que o Documento conseguiu captar, a especificidade das CEBs e sua relevância enquanto experiência eclesial e pastoral.

Outro componente eclesial da identidade da Igreja Latino-americana é a **presença ativa da mulher e de suas organizações** dentro da Igreja, inclusive no campo teológico. Não só a Igreja através dos séculos, mas a Igreja Latino-americana, nestes 500 anos, modelou-se em quadros patriarcais e, conseqüentemente, autoritários, à imagem das organizações sociais dominantes. No relacionamento baseado no patriarcalismo, mesmo dentro da Igreja, o homem é considerado como o protótipo do humano. Isto condiciona não só a organização da vida eclesial, mas também a imagem que se forma de Deus, a leitura das Sagradas Escrituras, a produção teológica e a liturgia, a espiritualidade e as práticas pastorais. É necessário que o princípio do patriarcalismo seja substituído pelo princípio de reciprocidade entre homem e mulher. Assim, a igualdade entre ambos sairá do plano de afirmações gené-

ricas para tomar corpo no plano da organização eclesial, das práticas pastorais, da produção de bens teóricos e simbólicos. Sem dúvida alguma, um dos aspectos relevantes do projeto de Jesus Cristo sobre a sua Igreja foi expresso por São Paulo na carta aos gálatas: "Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus".<sup>6</sup> Paulo se refere à abolição das desigualdades raciais, sociais e sexuais, a partir do batismo, portanto, dentro da comunidade cristã.

Na questão da conquista do espaço próprio da mulher dentro da Igreja, nem Medellín nem Puebla deram contribuição relevante. Santo Domingo, a meu ver, demonstra mais sensibilidade para com a questão. O pano de fundo para entendê-la é a parte do Documento intitulado "os fiéis leigos na Igreja e no mundo". Desde Medellín, que a participação dos leigos na missão evangelizadora, como demonstra a experiência das CEBs, constitui componente relevante da identidade eclesial.

A missão do leigo é definida com relação ao mundo enquanto produto da ação do homem: família, trabalho, política, economia, ciência e tecnologia etc. Neste ponto, a meu ver, os problemas estão bem detectados: tendência

freqüente de viver um cristianismo não eclesial; não assumir os valores cristãos no sentido de não inserí-los na cultura e na vida social; deixa o mundo do trabalho, da política, da economia, à margem dos critérios evangélicos; mentalidade clerical dos leigos que assumem serviços na comunidade eclesial; ocupação dos leigos em tarefas prevalentemente eclesiais, afastando-os assim de sua missão no mundo. Portanto, embora o leigo tenha suas tarefas específicas dentro da comunidade eclesial, sua missão não se esgota aí. É na construção do mundo humano, segundo os valores evangélicos, que a sua missão se realiza em plenitude. Daí a necessidade, segundo o ensinamento do Documento, de promover um laicato livre, consciente de sua identidade eclesial e de sua missão específica, buscando a santidade no inserimento nas realidades terrestres.

Com respeito aos **ministérios** próprios dos leigos, o Documento é pobre. Contenta-se em remeter à doutrina do magistério. Prestaria melhor serviço, se reunisse as experiências novas e originais das diversas Igrejas da América Latina.

Quanto à **missão da mulher especificamente**, Santo Domingo avança com relação a Medellín e Puebla; Teologicamente, a questão está bem colocada. Refere-se ao papel libertador de Jesus Cristo diante da condição feminina. Atinge de cheio o patriarcalismo rei-

nante na Igreja e na sociedade, ao sublinhar o princípio de reciprocidade entre homem e mulher. Coloca também, como objetivo da Nova Evangelização, a promoção decidida e ativa da dignidade da mulher, o que implica uma revisão do seu papel na vida da Igreja em geral e na pastoral. Sublinha a importância de sua tarefa no campo da evangelização.

Embora não tenhamos ainda chegado à "verdade plena" na compreensão do ser e da missão da mulher, não resta dúvida que o Espírito está conduzindo a Igreja nesta direção. Santo Domingo contém indícios. Basta recordar a atenção pastoral dada a algumas categorias de mulheres Latino-americanas: indígenas, afro-americanas e outras; a valorização dos movimentos feministas; a leitura da Palavra de Deus a partir da ótica feminina e o reconhecimento da necessidade de superar algumas interpretações anacrônicas da Sagrada Escritura referentes à mulher. E, ainda, a condenação da discriminação da mulher no campo educacional.

**Evangelização e Cultura** constituem, juntamente com a Promoção Humana e a Nova Evangelização, o tema principal da Assembléia de Santo Domingo.

Não existe uma Cultura Latino-americana genérica. Aliás, aquilo que denominamos América Latina, na realidade, não é toda Latina. Dentro de uma mesma nação, exis-

6. Gal. 3,28.

tem diversas culturas. Já que a Igreja na América Latina realizou a opção preferencial pelos pobres, agora confirmada por Santo Domingo, o problema da evangelização da cultura é, em primeiro lugar, o da evangelização da cultura dos pobres, que engloba, inclusive, a sua experiência religiosa. Assim a opção preferencial pelos pobres implica em assumi-lo não só como interlocutor privilegiado da Igreja na elaboração de sua pastoral, na organização da vida eclesial, na produção teológica e na produção de bens simbólicos. Implica, de modo mais radical, em assumir a sua cultura, levando-a em consideração na tarefa evangelizadora.

Com todas as limitações que o tema comporta no aspecto antropológico e teológico, Santo Domingo o enfrentou de modo claro. Neste ponto, houve também um avanço com relação a Medellín e Puebla. Em primeiro lugar, aparece, no Documento, o esboço de uma teologia da cultura e da inculturação do evangelho, da fé e da Igreja. Existe a consciência de que a Igreja, como comunidade evangelizadora, deve sempre levar em conta a cultura do seu interlocutor. Aparece ainda a complexidade cultural da América Latina e também a influência nela da cultura moderna. Mas, sobretudo, na questão da inculturação do

evangelho, da fé e da Igreja, o Documento privilegia a cultura dos pobres: indígenas, afro-americanos e mestiços. Trata ainda da questão da cultura dominante e do desafio das seitas. Por fim, reconhece o pecado cometido contra negros, índios e suas culturas: "Durante quatro séculos, milhões de africanos negros foram trazidos como escravos, violentamente arrancados de suas famílias e vendidos como mercadorias. A escravidão dos negros e a matança dos índios foi o maior pecado da expansão colonial do ocidente. Desgraçadamente, no que se refere à escravidão, ao racismo e à dominação, houve homens da Igreja que não foram estranhos a esta situação".<sup>7</sup>

No plano da ação pastoral, o Documento anuncia princípios que, até hoje, alguns círculos oficiais recusavam admitir: aceitação e conhecimento da cultura do outro, inculturação da Igreja, da liturgia, da reflexão teológica.

A Teologia da Libertação tem procurado refletir sobre temas tradicionalmente colocados à margem da reflexão teológica como, por exemplo, a **economia**, ou seja, a base material da sociedade. Como se trata de uma realidade ligada diretamente à vida, ela constitui um desafio para a evangelização, sobretudo, na América Latina. De fato, a evangelização tem,

como um de seus objetivos, fazer com que a Boa Nova torne-se boa realidade para os pobres. A nova revolução industrial, fruto de inovações tecnológicas prodigiosas em diversos campos, nem sempre tem representado mais vida para os pobres. Ao contrário, muitas vezes tem agravado a pobreza, portanto, trazido mais morte. Esta situação torna-se ainda mais grave com o peso insuportável da dívida externa. Como enfrentar esta questão, do ponto de vista da evangelização? Neste ponto, o Documento da Assembléia de Santo Domingo demonstra também muita sensibilidade. Denuncia profeticamente uma vida de fé sem incidência na ação transformadora da sociedade e da história. Em última análise, uma fé que se esquece que o homem a ser envolvido pelo amor não é apenas indivíduo, mas também o mundo do homem: a sociedade e suas instituições. A seguinte afirmação vem muito a propósito: "A falta de coerência entre a fé que se professa e a vida cotidiana é uma das várias causas que geram pobreza em nossos países, porque a fé não tem a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis da liderança ideológica e da organização da convivência social, econômica e política de nossos povos".<sup>8</sup>

Finalmente, uma referência a outro componente da Identidade

da Igreja Latino-americana: a **Teologia da Libertação**. Ela surgiu como teoria teológica sobre a nova experiência eclesial denominada Igreja dos Pobres. Hoje, é um fato eclesial que ultrapassa as fronteiras da América Latina. O peso da ala conservadora na Assembléia de Puebla fez com que a Teologia da Libertação nem sequer fosse mencionada, embora sua influência se faça sentir no Documento final. Apesar do reconhecimento da legitimidade desta teologia por parte do magistério da Igreja, apesar do seu desenvolvimento nos anos que se seguiram Medellín e Puebla, ela continua sendo objeto de suspeita por parte de pessoas e setores da Igreja. Havia o receio de que a Assembléia de Santo Domingo assumisse, se não uma atitude condenatória, pelo menos uma atitude polêmica com relação à Teologia da Libertação. Talvez alguns textos dos Documentos de consulta justificassem esse receio. Creio porém que, embora no aspecto cristológico e eclesiológico não apareça tanto a contribuição da Teologia da Libertação, na dimensão pastoral, muitas contribuições desta teologia estão presentes. Houve, além disso, o reconhecimento da necessidade não só da doutrina social da Igreja, mas também da legítima Teologia da Libertação para que a Igreja possa atuar

7. Doc. de Santo Domingo, nº 246.

8. *Ibid.*, nº 161.

na transformação da sociedade, e do nosso continente em geral.

**Concluindo** esta análise, quero ainda observar que Santo Domingo enfrentou não só a questão de como evangelizar no presente e no futuro da América Latina, mas como julgar, do ponto de vista da fé, os 500 anos da evangelização. Fica bem claro da leitura do Documento que estes 500 anos não constituem um fato encerrado no passado histórico, pois o processo de evangelização, iniciado há cinco séculos, repercute até hoje. Além disso, continuam, até hoje, as marcas que o acompanharam. Por exemplo, o processo de conquista ainda não terminou. A opressão dos povos do continente — os indígenas — continua até aos nossos dias. Continua também a discriminação dos negros inclusive no plano religioso. Conseqüentemente, trata-se de uma realidade que compromete o presente e o futuro da evangelização.

A Assembléia de Santo Domingo não foi a celebração de um evento político, mas de um acontecimento salvífico e eclesial, apesar das contradições representadas pelos pecados dos homens. A celebração, pelo menos no seu todo, não teve uma tônica triunfalista. Houve até mesmo momentos de ação penitencial como, por

exemplo, o pedido de perdão que o Papa e a Assembléia dirigiram aos indígenas e afro-americanos. A atitude de penitência foi completada pelo empenho em lutar para que sejam reconhecidos os direitos dos indígenas à terra, à organização social e à cultura própria em suas diversas expressões. Empenho por desenvolver uma evangelização inculturada<sup>9</sup> que, mais do que expressar uma opção pelos pobres, expressa o respeito pelo "outro", isto é, pela sua identidade geográfica, histórica, religiosa, social e cultural.

A análise que fiz de alguns componentes da identidade eclesial latino-americana transmite a convicção de que esta identidade, de modo geral, não só saiu reforçada mas também enriquecida. De modo explícito os ensinamentos de Medellín e Puebla foram assumidos, inclusive o seu grande marco teológico, eclesial e pastoral: a opção preferencial pelos pobres. Escrevem os bispos: "Fazemos nosso o clamor dos pobres. Assumimos, com renovado ardor, a evangélica opção preferencial pelos pobres em continuidade com Medellín e Puebla. Esta opção, não exclusiva nem excludente, iluminará à imitação de Jesus Cristo, toda a nossa ação evangelizadora".<sup>10</sup> Em Santo Domingo, a opção

preferencial pelos pobres inclui, de modo especial, a população indígena, os afro-americanos e as mulheres.

Seria bom recordar, antes de encerrar este artigo, que um componente igualmente fundamental da identidade eclesial latino-americana é a comunhão com os pastores da Igreja. De modo particular, a adesão à pessoa e aos ensinamentos do Sucessor de São Pedro. A presença do Santo Padre na Assembléia de Santo Domingo, o vigor e a clareza de seus ensinamentos, sobretudo a insistência sobre a centralidade da pessoa de Jesus Cristo e sobre a Nova Evangelização, fortaleceram ainda mais a mencionada identidade.

Na América Latina, Medellín e Puebla constituíram um período de reflexão, de retomada da caminhada da Igreja, de novo impulso missionário e evangelizador, que envolveu, em seus diversos níveis, toda a Igreja presente no continente. Neste sentido, Santo Domingo, enquanto evento eclesial no espírito de Medellín e Puebla, ainda está em andamento. Cabe a nós prosseguir-lo.

O Autor:

- Doutor em Teologia
- Professor de Eclesiologia e Teologia do Espírito na Fac. de Teologia. N. S. Assunção.
- Endereço: Av. Nazaré, 993  
04263—100  
S. Paulo — Capital

9. *Ibid.*, nºs 247-251

10. *Ibid.*, nº 296.